



CONSTRUINDO NARRATIVAS ORAIS: INTERAÇÕES SOCIAIS NO TRABALHO DE CAMPO¹

MARILDA A. MENEZES*

LÍDIA M. ARNAUD AIRES**

MARIA R. DE SOUZA***

resumo: Este artigo inspira-se no ensinamento de Bourdieu de que uma boa forma de tratar os problemas teóricos e práticos da metodologia de pesquisa é percorrer os caminhos trilhados na interação entre o pesquisador e os informantes. Analisamos as interações sociais transcorridas durante a pesquisa “Memórias de famílias de camponeses – trabalhadores migrantes (homens e mulheres) – 1950 /1990”, desenvolvida entre 2000 e 2003. Essas interações são permeadas por relações de poder, muitas vezes constituídas num espaço de negociação de identidades, saberes, concepções, possibilitando situações de empoderamento dos informantes. O espaço empírico estudado é formado por três comunidades do município de Fagundes, meso-região do Agreste paraibano.

palavras-chave: memória de famílias; empoderamento; camponeses-migrantes.

abstract: This article has drawn its inspiration from the Bourdieu’s lesson (1999:693) that a good way to look at theoretical problems and practices of research methodology is to reflect upon the social interactions between researchers and informants. We analyzed the social interactions in the research “Memories of peasant – migrant workers families (men and women) – 1950-1990”, developed from 2000 to 2003. These interactions are embedded in power relations, sometimes constructed in a space in which identities, knowledge and conceptions are negotiated and eventually ways to empowerment. The empirical space was three communities in the municipality of Fagundes, meso-region of Agreste, in the State of Paraíba, Northeast Brazil.

key-words: family memories; empowerment; peasant-migrants.

¹ Trabalho apresentado na Reunião de Antropologia do Mercosul (V RAM) - Florianópolis, de 30/11 a 3/12/2003, no GT IX - “Antropologia, trabalho de campo e subjetividade: desafios contemporâneos”. Coordenadores: Vagner Gonçalves da Silva – Departamento de Antropologia/USP e Elisete Schwade – Departamento de Antropologia/UFRN.

* Professora do Departamento de Sociologia e Antropologia da UFCG e do Programa de Pós-Graduação em Sociologia da UFPB-UFCG. Este texto é resultado da Pesquisa “Memórias de homens e mulheres em famílias camponesas”. Relatório CNPq, 2003.

** Bacharel em Ciências Sociais, UFPB, Campus II e bolsista CNPq/UFPB/PIBIC – 2000-2001.

*** Mestranda no Programa de Pós-Graduação de Sociologia (UFCE). Bolsista CNPq/UFPB/PIBIC- 2000-1.

artigos

A história oral é uma ciência e arte dos indivíduos. Embora diga respeito – assim como a sociologia e a antropologia – a padrões culturais, estruturas sociais e processos históricos, visa aprofundá-los, em essência por meio de conversas com pessoas sobre a experiência e a memória individuais e ainda por meio do impacto que estas tiveram na vida de cada uma. Portanto, apesar de o trabalho de campo ser importante para todas as ciências sociais, a História Oral é, por definição, impossível sem ele. O significado e a ética dos contatos humanos diretos, na experiência do trabalho de campo, são imprescindíveis ao significado e à ética no exercício de nossa profissão (Portelli, 1997 :17).

Introdução

Este artigo é resultado do projeto de pesquisa: “Memórias de famílias de camponeses – trabalhadores migrantes (homens e mulheres) – 1950-1990”, desenvolvido no período de 2000 a 2003². A pesquisa baseou-se em entrevistas semi-estruturadas e histórias de vida de 34 pessoas, sendo 11 homens e 23 mulheres. Nosso campo de pesquisa se restringiu a três comunidades: Trapiche e Salvador, que são áreas rurais, e o Largo do Açude Velho, que, apesar de estar situado na área urbana, tem características próprias de área rural. Todas as três estão localizadas na mesoregião do agreste paraibano, no município de Fagundes, Estado da Paraíba.

As famílias dessas comunidades são formadas por camponeses, que têm como base econômica a agricultura de subsistência,

complementada por outras atividades, como a de servidor público na prefeitura ou de pequeno comerciante, e, principalmente, pela migração temporária de alguns membros da família. A maior parte dessa migração ocorre para a região Sudeste, mais freqüentemente para o Rio de Janeiro, bem como para a região da agricultura açucareira, em Pernambuco.

A idade dos entrevistados varia entre 30 e 82 anos. As datas de nascimento situam-se entre as décadas de 1920 e 1970; a infância e a juventude, por sua vez, ocorreram entre as décadas de 1920 e 1990. A grande maioria dos entrevistados, 83% das mulheres e 90% dos homens, está na faixa etária entre 40 e 70 anos de idade, portanto, vivenciou a infância e a juventude entre as décadas de 1930 e 1980.

Duas preocupações teóricas centrais orientaram a pesquisa: a relação entre memória e identidades e as potencialidades e limites da metodologia da história oral. A memória é de grande importância para a demarcação da identidade individual, familiar ou do grupo. Halbwachs (1990) entende a memória como resultado da interação social, por isso, ao invés de estudá-la em si, isolá-la no indivíduo e distanciá-la do social, ele se propõe a analisar os “quadros sociais” da memória. A lembrança individual passa a estar relacionada aos grupos e às instituições em que o indivíduo se inclui, tais como a família, a classe social, a escola, a Igreja ou o trabalho. O relato sobre o passado marca o pertencimento do indivíduo ao grupo, a continuidade dentro do tempo e o sentimento de coerência (Pollak, 1992).

Tomando como referência essas perspectivas, o estudo da memória de

2 A pesquisa foi financiada pelo CNPq por meio da Bolsa de Produtividade (PQ) durante o período de agosto de 2001 a julho de 2003 e de bolsas de Iniciação Científica, no período de 2000-2001 e 2002-2003.

homens e mulheres em famílias de camponeses contribui teoricamente para a compreensão de suas identidades. Em suas narrativas de infância, o trabalho emerge como uma experiência central; ele é interpretado não apenas como uma atividade produtora das necessidades materiais, mas como um valor que confere dignidade e honra aos indivíduos e à família. Sendo o trabalho um símbolo central da infância, ele não se refere apenas a um passado vivido, mas permanece ao longo da trajetória do indivíduo, bem como das novas gerações, como demonstram as narrativas dos avós sobre as concepções de educação das crianças. A socialização dos meninos e meninas em famílias camponesas se orienta pela valorização do trabalho, associado, quando possível, à escola. Assim, o estudo da memória de infância não se limita a um resgate das experiências do passado. Trata-se de uma ressignificação desse passado à luz das experiências do presente, o que permite compreender a continuidade do grupo no tempo (Halbwachs, 1990; Pollak, 1992).

Quanto à análise das relações entre a memória coletiva e individual, Portelli (1997: 16) entende que a história oral alia o esforço de reconstruir padrões e modelos às variações e transgressões, enquanto Bourdieu (1996: 186) busca compreender como as consciências individuais operam através de um substrato coletivo ou de instituições de totalização e de unificação do eu. Bourdieu encontra na noção de *habitus* o princípio ativo da unificação das práticas e das representações. A análise que desenvolvemos buscou compreender

representações e práticas vinculadas ao *habitus* dos grupos em questão, que têm o trabalho como valor central na socialização de crianças em famílias camponesas, bem como as regras de namoro e casamento, considerando também as transgressões, a resistência às regras, modelos e valores sociais que surgem nas narrativas.

Ao adotarmos a metodologia da história oral, entendemos que as entrevistas semi-estruturadas e histórias de vida realizadas não foram simples técnica, instrumento de pesquisa para coletar dados, informações. Trata-se, antes de tudo, de discursos construídos no processo de interação social entre pesquisadores e informantes. Assim, nos orientamos por Bourdieu (1989, 1996) e Thomson (2000), que entendem que qualquer referência a procedimentos de investigação não esgota as estratégias infinitas da prática de pesquisa.

Uma boa forma de tratar os problemas teóricos e práticos da metodologia de pesquisa é percorrer os caminhos trilhados na interação entre o pesquisador e os informantes (Bourdieu, 1999: 693). Essas interações são permeadas por relações de poder, mas podem, também, constituírem-se em um espaço de negociação de identidades, saberes, concepções, em que se valoriza a experiência de vida dos sujeitos da pesquisa.

As técnicas que privilegiamos na metodologia de história oral foram entrevistas semi-estruturadas focalizadas na experiência da infância. No entanto, muitas narrativas caracterizam-se como “histórias de vida”, tanto por contarem experiências de diversas fases da vida

artigos

quanto pelo tipo de comunicação estabelecida entre o entrevistador e o entrevistado. Segundo Queiroz (1988:21), na história de vida,

Embora o pesquisador sub-repticiamente dirija o colóquio, quem decide o que vai relatar é o narrador, diante do qual o pesquisador deve se conservar, tanto quanto possível, silencioso. Não que permaneça ausente do colóquio, porém suas interferências devem ser reduzidas, pois o importante é que sejam captadas as experiências do entrevistado.

Durante o processo de entrevista, estávamos cientes de que não deveríamos ficar “presas” ao que esse procedimento sugere. Isso é, como se trata de uma interação entre pessoas, não podemos agir “objetivamente”, é necessário considerar que, ao falar, o narrador não o faz mecanicamente, ele está operando com a memória e com os sentimentos que ela traz à tona.

Nesse sentido, adotamos a mesma postura de pesquisas anteriores (Menezes, 1992), em que produzimos histórias de vidas de migrantes. Baseamo-nos em um roteiro de questões relativas aos seguintes temas: infância; trabalho na infância; brincadeiras na infância; relacionamento com o pai e a mãe; estudos; namoro; lazer na juventude; casamento; filhos.

Esse roteiro foi utilizado apenas como um guia, e não como uma lista de perguntas, de modo que cada entrevista teve uma seqüência própria de temas, assim como as interferências e as perguntas do entrevistador também foram diferentes, pois estavam relacionadas à narrativa do

informante. A orientação adotada no processo de entrevista foi deixar o informante livre para falar sobre suas experiências, sua história de vida, pois informações que num primeiro momento pareceriam deslocadas, poderiam, numa leitura atenta do texto, ter relação com experiências, sentimentos, acontecimentos significativos na vida dos narradores.

Esse modo de realizar as entrevistas encontra respaldo em autores como Bourdieu (1999) e Thomson (2000).

Muitas dezenas de anos de prática da pesquisa sob todas as suas formas, da etnologia à sociologia, do questionário dito fechado à entrevista mais aberta, convenceram-me que esta prática não encontra sua expressão adequada nem nas prescrições de uma metodologia frequentemente mais cientista que científica, nem nas precauções anticientíficas das místicas da fusão afetiva. Por estas razões, me parece indispensável tentar explicar as intenções e os princípios dos procedimentos que nós temos colocado em prática na pesquisa cujos resultados apresentamos aqui” (Bourdieu, 1999 693-4).

Thomson também nos alerta para o perigo de tratar o processo de entrevista como um conjunto de procedimentos, pois se trata de uma interação social que envolve sistemas específicos de comunicação:

À primeira vista, parece difícil discordar de conselhos de tanto bom senso. Contudo, os historiadores orais vieram a perceber, nos últimos anos, o fato crucial – derivado, em parte, da

antropologia e de estudos sobre as comunicações e promovido por pesquisadoras feministas – de que a entrevista é uma relação que se insere em práticas culturais particulares e que é informada por relações e sistemas de comunicação específicos. Em outras palavras, não existe uma única “maneira certa” de entrevistar, e a maneira que o “bom senso” indica como “certa” para entrevistas com membros da elite política branca do sexo masculino pode ser completamente inadequada em outros contextos culturais. (Thomson, 2000:48).

A prática da entrevista deu origem a documentos que podemos chamar de “narrativas de vida”, porque não são, a rigor, histórias de vida, já que precisariam ser completadas ou porque, algumas vezes, a entrevista sofreu a interferência do entrevistador com uma frequência maior do que o previsto na história de vida. No entanto, é bom frisar que a fronteira entre a história de vida e a entrevista semi-estruturada é bastante flexível (Menezes, 1992).

Bem sabemos que a teoria, quando posta em prática, passa por transformações, releituras e adequações a uma dada realidade. O trabalho de campo é um passo importante para que tenhamos idéia dos limites e das possibilidades da metodologia que elegemos e das técnicas que julgamos adequadas. É nesse momento de contato com o outro que esses elementos se conjugam dando origem a uma coloração na qual a subjetividade tem um importante papel.

Reflexões sobre as interações sociais no trabalho de campo

Optar por elaborar um trabalho que utilize prioritariamente relatos orais implica pensar a relação entre pesquisador(a) e informantes. Não estamos lidando com seres estáticos e a-históricos, mas com indivíduos dotados de uma bagagem histórico-cultural, de valores e sentimentos que, no contato face a face, fazem-se presente, interferindo na produção da entrevista. Desse modo, aqueles que utilizam relatos orais como fonte privilegiada em seus estudos, enfrentam não apenas o desafio da interpretação dos conteúdos relatados, mas também a reflexão metodológica do trabalho de campo, ou, de modo mais específico, das interações entre pesquisador e informantes. Além disso, entendemos que a análise acompanha todas as etapas do processo de pesquisa, como bem coloca Bertaux, citado por Lang:

A análise se realiza ao longo da pesquisa, consistindo em construir progressivamente uma representação do objeto sociológico. Nela se investe um máximo de reflexão sociológica e um mínimo de procedimentos técnicos. É na escolha dos informantes, na transformação do questionamento de um informante a outro (ao contrário do questionário padrão), no hábito de descobrir indícios de processos até então não percebidos e de organizar os elementos de informações em uma representação coerente, que se mostra a qualidade da análise” (Bertaux, 1980: 213-214 apud Lang, 2001: 98).

artigos

Por mais que sejamos bem recebidos, que conquistemos a confiança do depoente, seremos sempre vistos como “os de fora” – os *outsiders* – e as falas, opiniões e posturas do informante estarão certamente baseadas nessa percepção.

A chegada ao campo é sempre um momento que gera expectativas, tanto no pesquisador quanto nos pesquisados. A maneira de se comportar diante do outro, o que dizer ou não, como dizer, como entender o não-dito, como traduzir o que fica nas entrelinhas, tudo isso configura uma situação complexa e, por isso, extremamente rica. Assinalando o momento de chegada ao campo, Berreman (1980) escreve sobre as impressões que, segundo ele, são um aspecto básico da interação e têm um significado tanto metodológico quanto substancial para o trabalho de campo:

As impressões decorrem de um complexo de observações e inferências, construídas a partir do que os indivíduos fazem, assim como do que dizem, tanto em público, isto é, quando sabem que estão sendo observados, quanto privadamente, isto é, quando pensam que não estão sendo observados. (Berreman, 1980: 125).

O processo de vivência desse momento é extremamente extenuante, mas produtivo, como veremos adiante. Uma das experiências mais difíceis do trabalho de campo é se fazer aceito, se mostrar confiável perante o grupo para que a interação possa fluir. No nosso caso, esse momento foi relativamente tranquilo, pois, durante a pesquisa realizada entre 1995 e 1996, já havíamos sido

introduzidas na área por um agente da pastoral dos migrantes.

A pessoa que nos apresenta aos informantes é de fundamental importância na pesquisa; ser apresentado por alguém que tem boas relações com o grupo é um primeiro passo para construir um espaço de confiança com os informantes. Ao contrário, ser apresentado por alguém que não tenha uma boa imagem pode dificultar a inserção no grupo pesquisado.

Passada a fase de apresentação aos informantes, passamos a vivenciar com eles as situações de interação cotidianas, que exigiam do pesquisador uma permanente reflexão sobre como relacionar-se com o outro. O cotidiano das pessoas, suas histórias, suas lembranças, não estão acessíveis a qualquer pessoa, em qualquer tempo ou espaço. Para que atinjamos os nossos objetivos de pesquisa, fazem-se necessários certos cuidados. Há posturas que podem oferecer o sucesso ao pesquisador, outras que podem torná-lo indesejado ou mesmo fazer com que seja hostilizado pelos informantes.

Respeitar o momento do outro é também algo a ser observado. Certo dia, fomos à casa de Seu Ivo³, onde já tínhamos ido algumas vezes e conversado com sua esposa. Quando lá chegamos, ele estava trabalhando num terreno ao lado de sua casa. Dona Joana⁴, sua esposa, como das outras vezes, nos recebeu muito simpática e disse que iria falar com ele para nos dar uma entrevista. Pudemos ouvir vozes masculinas. Uma delas comentava que éramos pessoas muito legais, simpáticas. Outra voz dizia que não adiantaria insistir, que ele não daria entrevista nenhuma. Disse

3 50 anos, esposo de D. Joana, residente no Sítio Salvador.

4 42 anos, esposa de Sr. Ivo, residente no Sítio Salvador.

ainda que ela se “aquietasse”, pois parecia o “diabo querendo reza”. Dona Joana nem voltou para nos dar a resposta. Diante do ocorrido, pedimos para sua mãe chamá-la e dissemos que ela não precisava se preocupar, que não queríamos interromper o trabalho de seu marido e que entendíamos sua situação.

Vivenciamos, constantemente, situações que desvelam a distância social entre investigador e informante. Um primeiro sinal é a vergonha que o informante demonstra ao ser solicitado para dar entrevista. Muitos dos nossos entrevistados alegavam que não sabiam falar direito, por não saberem ler e escrever. Ao solicitarmos que o senhor Romeu⁵ nos concedesse uma entrevista, ele sinalizou que não gostaria de fazê-lo, já que não sabia falar no gravador. Convencido de que o relato dele era importante para nós, ele contou sua história e pediu para ouvir sua própria voz gravada, o que o fez sorrir num misto de realização e vergonha.

Essa distância é também percebida quando chegamos às casas dos informantes. Quase sempre eles nos oferecem algo para comer ou pelo menos um cafezinho. Certo dia, chegamos na hora do almoço na casa de Dona Ana⁶. Todos já tinham almoçado, mas ela fez questão que almoçássemos lá. Aceito o convite, ela passou o tempo todo se desculpando por não ter algo melhor para nos oferecer. Sua filha, inclusive, chegou a falar que teria vergonha de oferecer aquela comida – feijão, farinha, ovos fritos, tomate e cebola, suco de caju –, pois deveríamos estar acostumadas a comer “coisa boa”. Embora sabendo da dificuldade financeira

pela qual eles passam, ficamos receosas de ofendê-los com a recusa ao convite.

Houve também situações inusitadas que facilitaram o início de uma relação, como, por exemplo, uma dor que acometeu umas das pesquisadoras durante a visita a informantes. Quando já não suportava a dor, ela comentou com os donos da casa – dona Tânia⁷ e senhor Luiz⁸ – que, prontamente, providenciaram chá e um remédio. A dor instaurou uma longa conversa, que serviu, no mínimo, para descontrair o ambiente, facilitando a entrevista que se seguiu.

Nos momentos de entrevista, a espontaneidade, a relativa desinibição expressa pelos entrevistados, parece sucumbir à concentração para construir o discurso para o investigador. A tensão que se instaura nesse momento é revelada de diferentes formas e serve como símbolo para expressar determinados sentimentos e opiniões. Ao analisar a realidade da vida cotidiana, Berger & Luckmann (1973) indicam perspectivas metodológicas que parecem responder aos desafios da análise das interações entre pesquisador e informantes no trabalho de campo.

Segundo os referidos autores, o encontro face a face permite um diálogo que vai além do verbal, uma reciprocidade contínua dos atos expressivos, favorecendo o acesso à subjetividade de ambos os atores. Para compreender os significados desse encontro, precisamos tanto do amparo da literatura quanto de nossa sensibilidade e intuição. Ambos nos ajudarão a perceber, por exemplo, que é preciso não só ouvir o

5 59 anos, esposo de D.Lili, residente no Sítio Salvador.

7 45 anos, esposa de Sr.Luis, residente no Sítio Salvador.

6 56 anos, esposa do Sr. Hélio, residente no Sítio Salvador.

8 50 anos, esposo de D. Tânia, residente no Sítio Salvador.

artigos

que o indivíduo fala, mas o que sua postura corporal exprime, o que o seu silêncio tem a nos dizer, o que está por trás de um determinado tom de voz ou de um olhar oblíquo. Isso posto, o encontro com o outro resulta num encontro de subjetividades, que deve ser interpretado com a devida atenção.

Para ilustrar essa questão, voltemos à entrevista com Dona Joana⁹. Ela é um tanto introspectiva, gentil e atenciosa. Antes da entrevista, ela havia se mostrado mais relaxada, mas quando iniciamos a gravação, Dona Joana ficou tensa. Durante todo o relato, permaneceu na mesma posição: sentada sozinha no sofá, com as duas mãos nele apoiadas e as pernas cruzadas. Tal postura corporal revelava sua tensão ao falar sobre si mesma, censurando o que poderia ou não ser dito. Ao fim da entrevista, quando demos *stop* no gravador, parecíamos ter “liberado seu corpo”. Logo em seguida, ela nos chamou para esperarmos os moto-taxistas na calçada. Lá, acendeu um cigarro, sentou no chão e conversou conosco como se fôssemos suas vizinhas (guardadas as devidas proporções) ou as entrevistadas, pois demonstrou considerável interesse sobre nossas vidas.

De acordo com Trigo & Brioschi (1999) (que se utilizam da perspectiva de Berger & Luckmann), para compreender as subjetividades que emergem no momento da investigação o pesquisador precisa mudar sua postura. Nessa relação, é instaurado um processo interativo “no qual as informações transmitidas já começam a adquirir sentido dentro do contexto de

sua produção. A posição de exterioridade (...) dá lugar à vivência de um processo relacional, que faz parte da constituição do próprio objeto” (p. 26).

Ao apontarmos para a subjetividade, estamos tocando em algo que já foi muito debatido no meio acadêmico. Durante muito tempo questionou-se – e em certa medida ainda se questiona – o caráter científico dos trabalhos que utilizam os relatos orais como fonte de dados, alegando que eles comprometeriam a fidedignidade das informações, já que elas estão carregadas de subjetividade.

Seguimos aqui a perspectiva sugerida por Monique Augras (1997) quando esta afirma que “*o informante não nos fornece dados, ele nos fornece um discurso*”. Assim sendo, o discurso é estruturado a partir dos elementos de sua memória e da sua identidade, elementos da sua subjetividade; logo, não há como ignorá-lo. Desse modo, propõe-se refletir metodologicamente sobre a intersubjetividade que permeia a relação entre pesquisador e narrador;

Assim sendo, não se pode mais acreditar em ‘objetividade’ no sentido clássico. Se a memória e a identidade se constroem mutuamente através de um jogo de tensões sociais e pessoais e são valores disputados pelos diversos grupos aos quais o indivíduo pertence, se até mesmo o encontro da fonte e sua participação na pesquisa são objetos de negociação em que intervêm um sem-número de variáveis situacionais e pessoais, então é preciso assumir que a entrevista de história oral se situa no campo da intersubjetividade. (Augras, 1997:31).

9 Idade 42 anos, residente no Sítio Salvador.

A referida autora aposta nos relatos orais, considerando que a subjetividade presente na interação entre informante e pesquisador pode oferecer vantagens, desde que se assuma que as narrativas não revelam as verdades dos fatos, mas o testemunho de alguém, o que quer dizer que haverá uma rearrumação da lembrança do indivíduo para elaborar um discurso que será tecido a partir de seus conflitos, sua identidade, sua memória e pelo contexto em que se efetua a entrevista ou qualquer tipo de relato oral.

Durante a elaboração e o relato do seu testemunho, revolvendo elementos da memória, o narrador é envolvido por lembranças que, no momento da entrevista, dão vazão a sentimentos que oscilam entre a alegria, a angústia, a satisfação e o lamento. Essas emoções contribuem para que percebamos a importância e o significado de determinados fatos mencionados ou omitidos, de acordo com o contexto que impulsiona o trabalho da memória.

Acontecimentos longínquos e recentes podem se mesclar para estruturar o discurso do entrevistado. Foi o que aconteceu durante nossa conversa com Dona Carmosina¹⁰. Ao relatar a fase de namoro e adolescência, ela começou a chorar. Falava sobre a vontade de que seus filhos tivessem uma vida melhor, uma vida que ela não teve. Ao se deter na sua adolescência, Carmosina relatou que havia fugido para casar com o senhor Osvaldo, pois seus pais não queriam que ela se envolvesse com um homem casado. O senhor Osvaldo já tinha se separado da esposa, mas o vínculo

estabelecido durante o matrimônio tem um grande valor simbólico, que parece funcionar como “uma vez casado, sempre casado”. Somava-se a isso o fato de ele continuar casado judicialmente. Em seguida, quando perguntamos por seus filhos, ela contou que sua filha de 17 anos tinha “fugido¹¹”, além de ter sido recentemente despedida do emprego. A atitude da filha quebrou a esperança de Dona Carmosina com relação a uma vida melhor para os filhos¹², o que a deixou extremamente fragilizada. O encontro com a pesquisadora foi o momento oportuno para desabafar as angústias que ela vinha acumulando com esses eventos.

O relato de um indivíduo traz à tona sentimentos que podem ser bem-vindos ou repelidos. Para essas situações, não há receitas pré-indicadas nos manuais de técnicas de pesquisa. O que conta é a sensibilidade do pesquisador para decidir que atitude tomar. No caso anteriormente descrito, paramos a entrevista, mudamos de assunto, na tentativa de amenizar sua dor.

O que se passou durante a entrevista Seu Edvaldo¹³ revela que a relação com o pesquisador pode ser compreendida pelos narradores como uma marca de distinção. Ser escolhido para dar entrevista pode conferir um reconhecimento público a sujeitos sociais silenciados, marginalizados,

10 38 anos, esposa do Sr. Osvaldo; residentes no Sítio Salvador.

11 Esse termo é usado para se referir à saída de casa para legitimar uma relação não aceita pelos pais. Pode ocorrer, após a fuga, o casamento legal, mas é freqüente também a união consensual.

12 No grupo analisado, o estudo é, geralmente, representado pelos informantes como a mais importante estratégia de conseguir uma vida melhor, possibilitando, assim, uma mobilidade social.

13 58 anos, residente no Largo do Açude Velho.

artigos

esquecidos pela história oficial¹⁴. Ao nos dirigirmos a ele, usamos o apelido pelo qual ele é conhecido naquela região. Imediatamente ele se apresentou pelo nome completo e, sempre que o chamávamos pelo apelido, nos corrigia. Além disso, de vez em quando ele parava para mandar os filhos se comportarem, ficarem quietos, prestando atenção para aprender como se fala com gente importante. Durante a fala – não sabemos se devido ao álcool ou à lisonja de ser entrevistado –, ele buscou utilizar palavras rebuscadas e adotou uma postura em que projetava o peito para frente, exibindo o ego satisfeito.

O ocorrido com Dona Rivailda¹⁵, irmã de Dona Sônia¹⁶, é outro exemplo nesse sentido. Estávamos na casa de Dona Sônia quando seu filho chegou, dizendo que Dona Rivailda queria que fôssemos visitá-la. Separada do marido há muito tempo, ela vive praticamente só. Nossa visita era uma boa oportunidade para ela manter contato com pessoas de fora e se sentir importante. Falamos qual era o nosso trabalho e ela afirmou que tinha histórias para um livro, se referindo insistentemente a seu casamento ou ao rompimento dele. Conversamos um pouco com ela, mas não chegamos a fazer entrevista, já que não dispúnhamos de tempo. Porém, ficamos de voltar lá novamente.

14 Essa valorização da pessoa através da entrevista torna-se explícita quando estamos entrevistando alguém e uma outra pessoa da comunidade se oferece para ser entrevistada.

15 Não temos maiores informações acerca dessa senhora, pelo fato de ela não constar na nossa amostra.

16 52 anos, esposa do Sr. Marcelo, residente na área urbana.

Não obstante a vontade e a importância de contar algo sobre si e sua vida, há momentos em que os informantes se prendem ao silêncio. Simplesmente se calam ou expressam a recusa em falar sobre algo. Aliás, o silêncio pode ser lido como uma forma de comunicação. Comunica que determinado acontecimento se tornou uma lembrança ou um assunto proibido, resultado de algum conflito pessoal ou um conflito entre sua memória (individual) e a memória oficial. Como sugere Pollak (1989), ao empreender um estudo sobre a memória dos judeus sobreviventes aos campos de concentração, esse silêncio pode ser fruto da angústia de não encontrar uma escuta, do medo de ser punido ou de se expor a um mal-entendido. Isso pode ser aplicado ao caso de Dona Carmosina¹⁷. Ao perguntarmos se ela tinha passado por uma situação difícil em sua infância, ela afirmou que tinha vivenciado algo de muito ruim, que não esqueceu, mas sobre o que não queria falar. Era, segundo ela, um acontecimento tão ruim que ela nem gostava de lembrar.

Sendo o encontro entre pesquisador e informantes uma relação intersubjetiva, podemos considerar a interação na perspectiva de Goffman (1985), que afirma que a vida social se apresenta como uma representação teatral, devendo ser considerados:

a maneira pela qual o indivíduo apresenta, em situações comuns de trabalho, a si mesmo e a suas atividades às outras pessoas, os meios pelos quais dirige e regula a impressão que formam a seu respeito e as coisas que pode ou não fazer, enquanto realiza seu desempenho diante delas. (Goffman, 1985: 07).

17 40 anos, esposa de Sr. Osvaldo, residente na Chã.

O autor continua fazendo sua analogia com o espetáculo teatral:

O palco apresenta coisas que são simulações. Presume-se que a vida apresenta coisas reais e, às vezes, bem ensaiadas. Mais importante, talvez, é o fato de que no palco um ator se apresenta sob a máscara de um personagem para personagens projetados por outros atores. A platéia constitui um terceiro elemento da correlação (...). Na vida real, os três elementos ficam reduzidos a dois: o papel que um indivíduo desempenha é talhado de acordo com os papéis desempenhados pelos outros presentes e, ainda, esses outros também constituem a platéia... (Goffman, 1985: 07).

Uma das questões que a proposta de Goffman nos leva a pensar refere-se à imagem, que se propagou durante algum tempo, do informante como ser passivo, que o pesquisador utiliza apenas enquanto lhe parece interessante. Durante o trabalho de campo, nos momentos de produção do relato oral, o informante também se expressa de acordo com o “jogo” que se configura. Ainda aqui utilizaremos as palavras do mencionado autor:

Quando permitimos que o indivíduo projete uma definição da situação no momento em que aparece diante dos outros, devemos ver também que os outros, mesmo que o seu papel pareça passivo, projetarão de maneira efetiva uma definição da situação em virtude da resposta dada ao indivíduo e por quaisquer linhas de ação que inaugurem com relação a ele. (Goffman, 1985: 18).

A idéia de não-passividade do informante é também tangenciada por Trigo & Brioschi (1999). Elas afirmam que o pesquisado não é um objeto, ele reage, interage e detém um saber que é decorrente de sua própria história de vida. As autoras lembram que a postura ativa do entrevistado é um dos principais elementos na construção do conhecimento. Ou, como diria Geertz (1997), o “nativo” é quem faz a interpretação de primeira mão sobre sua realidade, enquanto os textos antropológicos são interpretações de segunda ou terceira mão. Assim, o informante tem um papel ativo na definição da situação de entrevista bem como na fala produzida.

Goffman (1985: 18-19) pretende mostrar que se estabelece uma relação em que os interesses, tanto do informante quanto do pesquisador, os impulsionam de modo a continuar essa relação sem que haja contradição entre suas falas, uma vez que o que se pretende é o que ele chama de *consenso operacional*.

Inspirado em Goffman, Berreman (1980) faz uma leitura do contato entre pesquisador e informante sob uma perspectiva teatral. Ao dissertar sobre a tessitura de sua etnografia de uma comunidade no Himalaia, o autor discute o extenuante trabalho do etnógrafo para manter o controle de impressões, já que as máscaras utilizadas tanto pelo pesquisador quanto pelos informantes influenciarão a maneira como ambos serão identificados. Para o autor supracitado, o sucesso da pesquisa, o tipo e a validade de informações obtidas serão definidos pelas impressões; logo, o controle delas estará sempre presente na interação entre pesquisador e informante.

Sabemos bem quão extenuante é o processo de controlar as impressões. O

artigos

desejo de elaborar um bom trabalho, de ser bem sucedido no processo de entrevistas, nos faz recorrer à manipulação de máscaras sociais. Um dos momentos em que isso ficou mais explícito foi durante nossa visita a Seu Edvaldo. Após nossa apresentação, demos início à entrevista e, num dado momento, percebemos que ele estava alcoolizado. Tivemos que continuar a entrevista sem que ele percebesse nosso desconforto de ouvi-lo falar desconexamente e de parar diversas vezes para explicar aos filhos que eles deveriam prestar atenção para aprender como se deveria falar com gente importante.

Não há um padrão rígido de como desenvolver uma pesquisa empírica, a subjetividade dos atores envolvidos no processo de pesquisa dá os tons e as texturas do cenário, das máscaras e das falas. Os elementos acima descritos interferem, portanto, de maneira significativa no teor e nas formas de narrar. Se, aqui, podemos nos remeter a metáforas, é preciso que se considerem os atores, o público, o cenário, as luzes e o texto a ser encenado.

Artigo aceito para publicação em 05 de abril de 2004.

Bibliografia

- AUGRAS, Monique. História Oral e Subjetividade. In: VON SIMSOM, Olga. R. M. (org.) *Os desafios contemporâneos da História oral*. São Paulo: Ed. Unicamp, 1997.
- BERGER, Peter & LUCKMAN, Thomas. *A construção social da realidade*. Petrópolis: Vozes, 1973. p. 35-68.
- BERREMAN, G. Por detrás de muitas máscaras. In: GUIMARÃES, A. Z. *Desvendando máscaras sociais*. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves Editora S.A., 1980. p.123-174.
- BERTAUX, D. L'approche biographique: as validité méthodologique, ses potentialities. *Cahiers Internationaux de Sociologie*, (69), 1980.
- BOURDIEU, P. *A miséria do mundo*. Petrópolis: Vozes, 1999.
- _____. *O poder simbólico*. Lisboa/Rio de Janeiro: Difel/Bertrand Brasil, 1989. p. 17-58.
- _____. A ilusão biográfica. In: FERREIRA, M. M. (org.) *Usos e abusos da história oral*. Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getúlio Vargas, 1996. p.183-192.
- GEERTZ, Clifford. *Uma descrição densa: por uma teoria interpretativa da cultura*. In: *A Interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: LTC, 1989.
- _____. Do ponto de vista dos nativos: a natureza do entendimento antropológico. In: *O saber local: novos ensaios em antropologia interpretativa*. Petrópolis: Vozes, 1997.
- GOFFMAN, Erving. *A representação do Eu na vida cotidiana*. Petrópolis: Vozes, 1985.
- HALBWACHS, M. *A memória coletiva*. São Paulo: Vértice, 1990.
- LANG, B.S.G. História oral: procedimentos e possibilidades. In: LANG, A.B.S.G.

(org.). *Desafios da pesquisa em ciências sociais*. São Paulo: Textos CERU 8, série 2, 2001. p. 01-112.

de pesquisa. In: *Revista CERU - Reflexões sobre a Pesquisa Sociológica*. 2ª. ed., série 2, n 3, 1999. p. , 25-32.

MENEZES, M. A. *Histórias de migrantes*. São Paulo: Loyola, 1992.

MENEZES, M. A. *Redes e enredos nas trilhas dos migrantes*. João Pessoa: UFPB / Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2002.

POLLAK, Michel. Memória, esquecimento, silêncio. In: *Estudos Históricos (Memória)*, Rio de Janeiro, vol. 2, n 3, 1989. p. 3-15.

_____. *Memória e identidade social*. In: *Revista Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, n. 10, CPDOC, FGV, 1992.

PORTELLI, A. Tentando aprender um pouquinho. Algumas reflexões sobre a ética na história oral. In: *Projeto história*. São Paulo (15), abr. 1997. p. 13-49.

QUEIRÓZ, M. Isaura P. Relatos orais: do “indizível” ao “dizível”. In: VON SIMSON, Olga M. *Experimentos com histórias de vida (Itália - Brasil)*. São Paulo: Vértice, Editora dos Tribunais, 1988. p.14-43.

THOMSOM, A. Aos cinquenta anos: uma perspectiva internacional da história oral. In: FERREIRA, M.M. *et alii*. *História oral: desafios para o século XXI*. Rio de Janeiro: Ed. Fiocruz (Casa de Oswaldo Cruz). FGV (CPDOC), 2000. p. 47-65.

TRIGO, M. H. & BRIOSCHI, L. R. Interação e comunicação no processo

artigos

